

Grande São Paulo

50 anos depois, concretismo resiste em SP

São Paulo, 2 de julho de 2001 - Ausência de subjetividade e excesso de cores, linhas e formas geométricas. Assim é definido o movimento concretista, que começou no Brasil na década de 50. Meio século depois, ele continua vivo, principalmente em São Paulo, diferentemente de outras vanguardas, como o cubismo.

Só este ano, Luiz Sacilotto, de 77 anos, um dos criadores do concretismo no País, foi tema de duas exposições na capital - além da Galeria Sylvio Nery, que ainda está em andamento - e viu publicado um livro sobre sua obra. Hermelindo Fiaminghi, de 81 anos, que participou do movimento até 1960, também está expondo, junto com obras mais recentes, telas que pertenceram à tendência concretista. Ainda para este ano, está programada uma exposição na Galeria Brito Cimino com obras de Waldemar Cordeiro, líder intelectual dos concretistas paulistas.

As razões para o concretismo ter sobrevivido todos estes anos e ocupar, atualmente, os espaços de galerias e museus, pode ser explicada de duas formas. Segundo Enock Sacramento, autor do livro de Sacilotto, lançado em abril deste ano, o que garantiu que o movimento tivesse uma produção constante até hoje foi a singular organização do movimento, que teve início em 1952. Outra maneira de explicar a continuidade da arte concreta é a fidelidade de artistas, principalmente de Sacilotto, um dos maiores nomes dentro deste estilo.

O marco oficial do concretismo no Brasil é considerado a exposição Ruptura, que aconteceu no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM - SP), em 1952, com obras de Anatol Wladislaw, Geraldo de Barros, Kazmer Fejer, Leopoldo Haar, Lothar Charoux, Sacilotto e Cordeiro. Junto com a mostra, foi lançado um manifesto propondo um rompimento com tudo o que se fazia no Brasil naquele momento, principalmente a pintura naturalista e um abstracionismo considerado 'hedonista' pelos assinantes do manifesto. 'Este grupo provocou um impacto violento no Brasil, e o manifesto gerou muita polêmica. Foi o início da arte geométrica aqui', afirma Sacramento.

Embora 52 seja considerado o marco zero, antes disso artistas do grupo já produziam obras concretas. Cordeiro e Sacilotto vinham discutindo o movimento desde 47. Em 51, tiveram o impulso necessário para 'criar', de fato, o concretismo no País. Naquele ano, foi realizada a primeira Bienal de São Paulo, que trouxe ao Brasil obras de artistas alemães e suíços que já haviam aderido à arte geométrica. O suíço Max Bill, diretor da Escola Superior da Forma, saiu premiado com sua escultura Unidade Tripartida, que faz parte da mostra Bienal 50 Anos - Uma Homenagem a Ciccilio Matarazzo, até 29 de julho no prédio da Bienal.

Sel - Brasil
usar!

LIX JORNAL

Grande São Paulo - São Paulo - SP

Data: 02/07/1967

Grande São Paulo

50 anos depois, concretismo realiza em SP

São Paulo, 2 de julho de 1967 - Análises de atualidade e excesso de cores, linhas e formas geométricas. Assim é definido o movimento concretista que começou no Brasil na década de 50. Meio século depois, ele continua vivo principalmente em São Paulo, diferentemente de outras vanguardas, como o cubismo.

Só este ano, Luiz Sacilotto, de 77 anos, um dos pioneiros do concretismo no País, foi tema de duas exposições na capital - além da Galeria Sylvia - ainda está em andamento - e foi publicado um livro sobre sua obra. Sacilotto, de 81 anos, que participou do movimento em 1950, fez esta exposição, junto com obras mais recentes, pelas que pertencem ao movimento concretista. Ainda para este ano, está programado uma exposição na Galeria Diólio Cimino com obras de Waldemar Cordeiro, líder intelectual concretista paulista.

As razões para o concretismo ter sobrevivido nos anos e outras circunstâncias, de espaços de galerias e museus, explicações de duas formas. Segundo Brock Sacilotto, autor do livro, lançado em abril deste ano, o que ganhou foi o movimento diversificado constante em São Paulo, foi a atuação organizada do movimento, a partir de 1957. Outros motivos de explicar a continuidade da arte concreta são a fidelidade de artistas principalmente de São Paulo, um dos nomes sendo de São Paulo.

O marco oficial do concretismo no Brasil é considerado a exposição coletiva que aconteceu no Museu de Arte de São Paulo (MASP - SP), em 1957, com obras de Aracy Vilaça, Waldemar Cordeiro, Katsumi Fukui, Lauro Chavex, Sacilotto e outros. Junto com a mostra, foi lançado um manifesto profundo movimento com tudo o que se fazia no Brasil naquele momento, graças a pintura naturalista e um abstracionismo considerado "redondista", porque do manifesto. Este grupo provocou um impacto violento no Brasil, manifesto sobre muitas polêmicas. Foi o início da arte geométrica e do concretismo.

Este movimento foi considerado o "grito zero", antes disso artistas do grupo já tinham concretista. Cordeiro e Sacilotto vieram discursando o movimento de São Paulo, tiveram o impulso necessário para criar, de fato, o movimento no País, naquele ano, foi realizada a primeira Bienal de São Paulo, trouxe ao Brasil obras de artistas alemães e suíços que já haviam aderido à arte geométrica. O suíço Max Bill, diretor da Escola Superior de Forma, está associado com sua escultura "Unidade Tríplice", que faz parte da mostra "50 Anos - Uma Homagem a Clóvis Horta" até 29 de julho no prédio da Bienal.

instituto de arte contemporânea

A organização do concretismo levou o movimento a ser o único capaz de influenciar outros setores culturais, como a poesia - representada por Décio Pignatari, Haroldo de Campos e Augusto de Campos -, a arquitetura, a música e o desenho industrial. 'Os poetas concretos deram muita força ao movimento', diz Fiaminghi.

Com o movimento Ruptura prestes a comemorar 50 anos, galerias e museus tendem a destacar esse estilo em suas exposições. Sacilotto justifica a permanência do concretismo com a fidelidade dos artistas, principalmente os paulistas. Por isso, o movimento é mais forte em São Paulo que no Rio de Janeiro. 'O concretismo não é como o cubismo e o expressionismo, que desapareceram', diz Sacilotto. Além dele, outro artista atuante na capital é Hércules Barsotti. 'No Rio, o grupo liderado por Ferreira Gullar abandonou o movimento na década de 70. Além disso, o concretismo tem mais a ver com as indústrias paulistas', diz Sacramento.

O trabalho concretista exige precisão, cálculo e conhecimento geométrico. Talvez a repetição das formas tenha afastado alguns artistas do movimento. 'Entrei no concretismo com liberdade e saí com liberdade. Muitos artistas estão amarrados até hoje', diz Fiaminghi, que participou do movimento de 56 a 60, mas, nas suas últimas obras, feitas em 97, não conseguiu se livrar dos círculos e os triângulos, característicos do telas concretas. (Gazeta Grande São Paulo/Página 6) (Michele Oliveira)